

CÔA
Economia
Ciência
Cultura
Poética
Visão₂₇

CÔAVISÃO 27

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lobão, Lda.
Almada

DEPÓSITO LEGAL

121116/98

ISSN

2183-234X

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

O ABANDONO
(ponte ferroviária do Côa, Vila Nova de Foz Côa)
Fotografia de: Ana Rita Ribeiro

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2025

PERIODICIDADE

Anual

12 000 anos de gravação na Rocha 3 do Vale de Cabrões (Vila Nova de Foz Côa)

Luís Luís^{1, 2}, André Tomás Santos^{2, 3}, Marcelo Silvestre¹, Tania Mosquera-Castro⁴, Rosa Jardim⁵ e Thierry Aubry^{1, 2}

Resumo

Apresentamos os resultados do primeiro estudo integral da rocha 3 de Vale de Cabrões, uma rocha conhecida para a ciência em 1995, mas que só através dos trabalhos realizados entre 2023 e 2024, por uma equipa de investigação da Fundação Côa Parque, foi possível documentar integralmente.

O trabalho apresentado permite registar o resultado da gravação sobre o mesmo suporte rochoso, desde ao Paleolítico Superior até à atualidade. Esta rocha presta-se assim a uma análise dos diferentes contextos sociais de gravação registados e das suas diferenças em termos temáticos, técnicos, de relação com o suporte rochoso e de potencial de preservação.

Palavras-chave: Arte rupestre; Paleolítico Superior; Idade do Ferro; Época Moderna e Contemporânea

1. O sítio e os trabalhos anteriores

O Vale de Cabrões (CNS 41494) é um dos noventa e oito sítios com arte rupestre do Vale do Côa (Fig. 1), encontrando-se classificado como Monumento

¹ Côa Parque - Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa (contacto: luisluis@arte-coa.pt).

² UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

³ Universidade de Coimbra, CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Faculdade de Letras, Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes.

⁴ Grupo de Estudos para a Prehistoria do Noroeste Ibérico – Arqueologia, Antiguidade e Território (GEPN-AAT), Departamento de Historia, Universidade de Santiago de Compostela / Centro de Investigación Interuniversitario das Paisaxes Atlánticas Culturais (CISPAC).

⁵ Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, MMP E.P.E.

Nacional pelo Decreto n.º 6/2013, de 6 de maio. Localiza-se na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda.

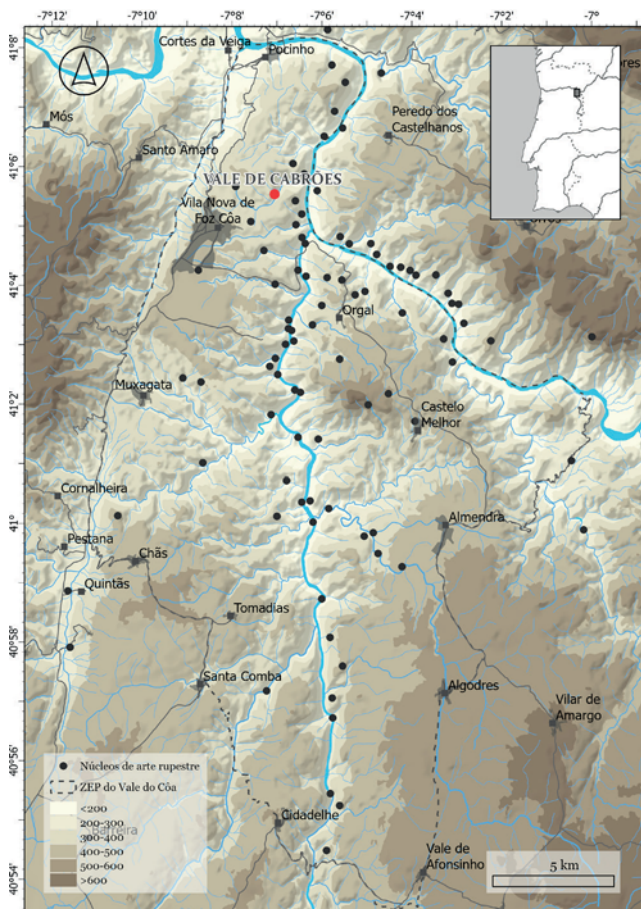


Fig. 1: Vale de Cabrões no contexto da arte rupestre do Vale do Côa

O sítio corresponde a um vale profundo, por onde corre uma ribeira tributária da margem esquerda do Douro, que aí desagua a cerca de 1,5 quilómetros para jusante da foz do rio Côa. Este curso de água é o resultado da confluência de dois outros com origem à cota dos 400 m, junto ao Tudão e a S. Sebastião, começando por desenvolver um percurso oeste-este, infletindo progressivamente para nordeste, de forma a alinhar-se com a direção dominante da tectónica regional (Aubry, Luís & Dimuccio, 2017). A partir deste ponto, o vale torna-se profundamente encaixado, expondo uma grande quantidade de planos de diáclase, começando aqui a zona conhecida localmente como Vale de

Cabrões. O vale infletirá novamente para este, para se encontrar com o Douro. A maioria das rochas deste núcleo situa-se nesta zona, na vertente da margem esquerda da ribeira. É aí que se localiza a rocha 3 (41° 05' 32" N / 07° 07' 02"), a uma altitude de 253 metros acima do nível médio das águas do mar (Fig. 2).

Nesse mesmo ano foi publicado apenas com referência a grafismos “epipaleolíticos” e da Idade do Ferro (Rebanda, 1995, p. 8). Um motivo da rocha 3 de Vale de Cabrões (ver abaixo, motivo VC03-19) chegaria mesmo a ilustrar um texto do Jornal de Notícias de 18 de abril desse ano, mas, por incompreensão da representação, a imagem surgiu rodada a 180 graus.



Fig. 2: Localização da rocha 3 no Núcleo de Arte Rupestre do Vale de Cabrões (Carta Militar de Portugal 1:25.000, fl. 141)

O dispositivo gráfico atualmente conhecido compreende 101 rochas gravadas, com representações datadas de entre o Paleolítico Superior e a Época Contemporânea. Destaca-se o repertório produzido durante a Idade do Ferro, com 56 rochas gravadas, mas quer o do Paleolítico Superior (41), quer o de Época Moderna e Contemporânea, (33), são particularmente significativos. Registam-se ainda dois afloramentos com motivos atribuídos à Pré-história Recente e quatro outros indeterminados (Reis, 2023, tabela 1).

Este sítio de arte rupestre foi identificado por José Constâncio em Fevereiro de 1995, na sequência da publicação das primeiras descobertas da arte do Côa.

Os primeiros motivos paleolíticos no sítio foram identificados por João Félix e Manuel Almeida ainda em 1995, mas apenas referidos em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, pp. 214-215). As primeiras imagens paleolíticas e da Idade do Ferro do sítio seriam publicadas em 1999 (Baptista, 1999, pp. 130-139, 170-173), nomeadamente a cena de coito posterior da rocha 3 (ver abaixo motivos VC03-17 e 18).

Entretanto, a continuação do estudo da arte paleolítica foi revelando alguns decalques, descritos e sistematizados em 2017 (Santos, 2017, vol. II, pp. 286-297; 2019, pp. 723-734).

Relativamente à arte da Idade do Ferro, para além dos motivos isolados da rocha 3 já referidos, só em

2023 são dados a conhecer os decalques integrais das rochas 6, 9, 11, 12 e 35, bem como os parciais da rocha 1 e 3 (Luís, 2023, pp. 228-234).

2. Objetivos e metodologia da campanha de 2023 e 2024

Como acontece em muitos dos sítios do Vale do Côa, a importância do Vale de Cabrões não se reflete ainda no número de rochas registadas por decalque. Para se colmatar esta lacuna, realizou-se uma campanha de decalques no sítio, levada a cabo no âmbito do Projeto Climate@Côa - Clima e adaptação humana durante o último Período Glaciar na região do Vale do Côa (Portugal), especialmente direcionada para o estudo do dispositivo magdalenense e sidérico do sítio.

Os objetivos específicos da campanha de trabalhos no Vale de Cabrões consistiam na conclusão do registo da arte magdalenense do sítio e na realização do decalque integral de rochas apenas parcialmente documentadas. Era esse o caso da rocha 3, uma das rochas icónicas do Vale do Côa de que se conheciam apenas os três motivos acima referidos.

Apresentaremos neste artigo os resultados desse trabalho. O seu dispositivo rupestre foi documentado pelo método do decalque direto (Baptista & al. 2013). A reduzida visibilidade de grande parte dos traços incisos nesse painel não facilita o seu registo através de métodos indiretos. A pouca visibilidade das figuras, resultante essencialmente da técnica utilizada para a sua gravação, é, paradoxalmente, ainda mais intensa no caso de algumas figuras da Idade do Ferro, pois, apesar de alguns traços ainda não apresentarem patine, a pouca profundidade dificulta a perceção.

O uso da fotogrametria foi já experimentado na arte do Côa da Idade do Ferro, mas apesar de se tratar de um método mais expedito, os seus resultados ainda não atingem o nível de detalhe do decalque direto

(Botica, Luís & Bernardes, 2023; Botica, Luís & Soares, 2024). Também se testou já *Reflectance Transformation Imaging*, ou RTI (e.g. Díaz-Guardamino & Wheatley, 2014), mas os resultados não acrescentaram nada ao observado *in loco* com recurso a lupas (Luís & al. 2024, p. 57). Ainda assim, durante esta campanha realizou-se também a documentação fotogramétrica das rochas estudadas, com recurso a fotogrametria em tempo real, através da aplicação *Scaniverse*, não para a documentação dos traços gravados, mas para a criação de representações tridimensionais do afloramento (Fig. 3). Para além disso, realizou-se ainda a documentação através de um microscópio digital *Dino-Lite* de alguns traços gravados durante as diferentes fases artísticas representadas no painel.



Fig. 3: Vistas da rocha 3 de Vale de Cabrões a partir do levantamento fotogramétrico

O decalque direto foi realizado sobre película de polivinilo transparente de 0,08 mm de espessura, aplicado diretamente sobre a rocha. Os decalques foram realizados durante a noite, tendo-se recorrido a iluminação artificial com orientação rasante e perpendicular ao eixo principal dos traços a registar. Utilizaram-se focos de LED com 260 lux. Para além dos traços gravados, registados a negro com marcadores permanentes de 0,4 mm, registou-se a vermelho os elementos principais do suporte (fissuras,

alvéolos, perda de placas, desníveis, etc.). Durante o processo, os desenhadores utilizaram sempre lupas de cabeça com uma ampliação de 1,5.

Nos plásticos dos decalques registou-se a indicação do painel, autores do decalque, datas do trabalho, miras para colagem e o nível horizontal. Posteriormente foram digitalizados com uma resolução de 300 dpi numa digitalizadora de grandes formatos. Os diversos sectores da rocha foram depois orientados e remontados por forma a proceder-se à sua vectorização em programa adequado à escala 1/1.

Os trabalhos foram ainda alvo de documentação fotográfica noturna e diurna. Na fotografia das representações rupestres recorreu-se à fotografia noturna (aparelho Nikon D750 e lentes fixas de 20 e 35 mm) com a flash sincronizado (GN60 a 100 ISO @ 200 mm).

A atitude do painel foi registada com recurso a bússola adequada, tendo-se utilizado o código Munsell (Cailleux, 1981) para o registo das cores do painel.

Os trabalhos iniciaram-se no ano de 2023, entre os dias 8 e 25 de julho, e prosseguiram numa segunda campanha de documentação, realizada entre os dias 2 e 15 de julho de 2024. Para além dos signatários, a campanha teve ainda a colaboração ocasional de Ignacio Triguero Perucha.

3. Descrição do dispositivo rupestre da rocha 3

A rocha 3 (Fig. 4) localiza-se na zona média do vale, na sua margem esquerda, junto a um caminho numa vertente de grande declive, a uma altitude de 258 metros. O afloramento apresenta grandes dimensões, com 8,3 metros de largura e mais de 5 metros de altura máxima. A longa diáclase onde figura a grande maioria das gravuras divide-se em 10 painéis (A a J) (Fig. 5), separados por uma série de fraturas verticais, apresentando uma direção geral de N38°, e uma inclinação de 89° para SE.



Fig. 4: Rocha 3 do Vale de Cabrões



Fig. 5: Decalque geral da rocha 3 de Vale de Cabrões com indicação dos diferentes painéis

Desta configuração geral excluem-se dois painéis gravados em planos de xistosidade (A xistosidade e I xistosidade), com uma direção e inclinação de $N114^{\circ}/84^{\circ}NE$ e $N112^{\circ}/84^{\circ}NE$, respetivamente. Em frente ao painel B, situa-se um painel gravado sobre plano horizontal (B horizontal), com uma direção $N20^{\circ}$ e uma inclinação de $6^{\circ}E$.

A tonalidade geral da rocha é “castanho avermelhado” (Munsell 2,5 YR 4/4), com zonas mais escuras a atingirem o “cinzento-escuro” (Munsell 7,5 R 4/0) e as mais claras, profundamente cobertas por calcite, a aproximarem-se do “branco” (Munsell 5 YR 8/1). O painel I xistosidade tem uma cor próxima do “cinzento” (Munsell 7,5 R 5/0).

3.1. Painel A

Trata-se do plano de diáclase mais à esquerda, com uma pequena área gravada (Fig. 6). É configurada pela orientação dos níveis de estratigrafia da rocha. No painel identificam-se três pentagramas, assim como outros conjuntos de linhas, dois dos quais poderão corresponder igualmente a vestígios de pentagramas.

3.2. Painel A xistosidade

Este painel não foi objeto de levantamento, em virtude da sua gravação se limitar a um conjunto de traços de produção recente, a julgar pela falta de patine.

3.3. Painel B

Encontra-se sensivelmente ao mesmo nível do painel A, seguindo a orientação da estratigrafia (Fig. 6). De entre os traços gravados, identifica-se um possível pentagrama um pouco apagado, assim como um cavaleiro voltado para a direita (VC03-01), do qual se percebe o contorno circular da cabeça, o braço direito erguido armado de lança com ponta com nervura central (VC03-02), o bordo zenital do braço esquerdo, que se liga ao pescoço de um cavalo (VC03-03) e eventualmente um dos pés loca-

lizado no flanco do animal. O cavalo surge figurado a contorno, com as quatro patas representadas e as duas orelhas em perspetiva biangular oblíqua, sexo marcado e cauda desenhada igualmente a contorno. Na zona da cintura do cavaleiro, percebe-se um conjunto de linhas que poderão corresponder eventualmente a um punhal com pomo largo (VC03-04).

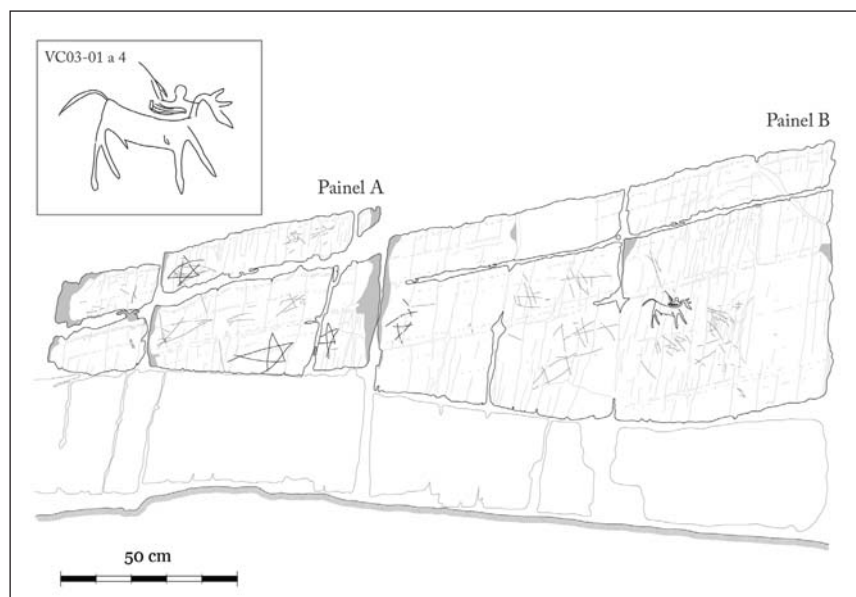


Fig. 6: Decalque dos painéis A e B

3.4. Painel B horizontal

Nesta grande superfície horizontal, atravessada por um caminho pedonal, identifica-se novo conjunto de motivos gravados (Fig. 7). Da esquerda para a direita, observa-se um pentagrama, seguido de um signo definido por linhas paralelas, perpendiculares à direção da xistosidade, criando um efeito de reticulado. Mais para a direita, figura um motivo de natureza antropomórfica, eventualmente voltado para a direita (VC03-05), com a representação de um círculo a sugerir a cabeça e duas linhas relativamente simétricas, que parecem definir o pescoço e os ombros, descendo para o eventual tronco. Cerca de 12 centímetros abaixo, surge a representação de um quadrúpede orientado para a direita (VC03-06), em perfil absoluto, com uma cabeça paralelepípedica e uma só orelha contornada, pescoço e corpo retos e membros também retos e abertos

na extremidade (**Fig. 8**). A cauda é linear e curta, com pequenos traços perpendiculares a sugerirem pelos. A cauda curta e orelha saliente sugerem-nos uma cerva, contudo, adossado à zona do ventre surge um signo com grandes semelhanças com um estribo.

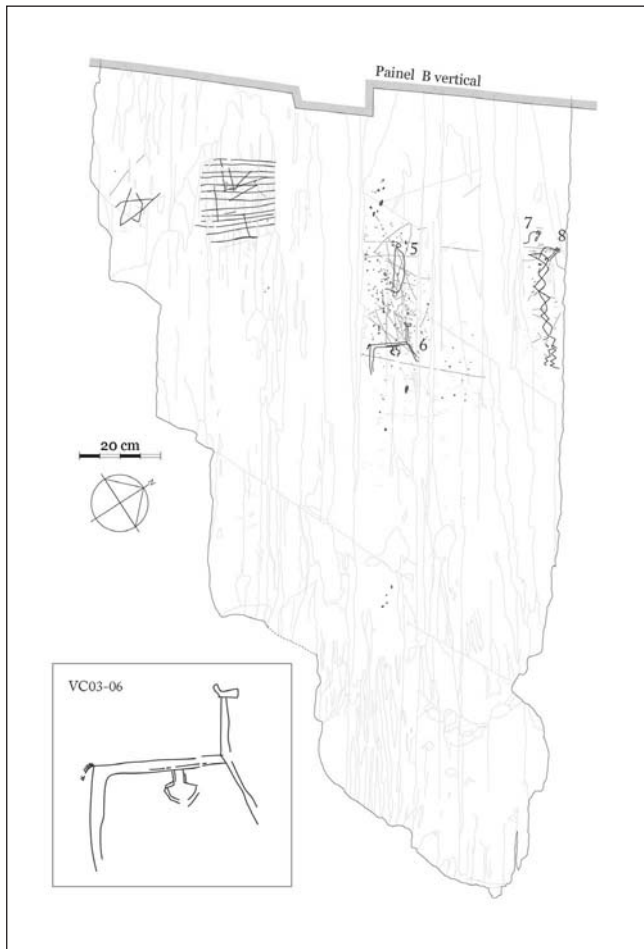


Fig. 7: Decalque do painel B horizontal



Fig. 8: Motivo VC03-06

No último subpainel mais à direita, figura um signo em duplo zig-zague. Acima, dois motivos muito semelhantes, que sugerem o pescoço sinuoso em perfil, voltado para a direita, e uma cabeça com focinho arredondado e orelhas, denunciando a representação de um cavalo com pescoço em perfil e cabeça em visão frontal (**VC03-07 e 08**). No painel surgem algumas picotagens que interpretamos como o resultado de pisoteio.

3.5. Painel C

Pequeno painel localizado a uma altura máxima de 103 cm acima do nível atual do solo onde se identifica um conjunto de traços gravados sobretudo na parte direita (**Fig. 9**). Aí percebe-se um signo quadrangular, preenchido com traços curtos e sinuosos. À sua esquerda, dois motivos zoomórficos lineares retilíneos (**VC03-09 e 10**), eventualmente cervídeos, voltados para a direita, com dorso, pescoço e cabeça desenhados numa linha reta, orelhas lineares, localizados no interior de um conjunto de linhas curtas retilíneas. Entre a primeira fase dos trabalhos e a segunda, identificou-se uma nova gravação (GNR|24), acima da zona com as gravuras que acabamos de descrever, num plano de diáclase distinto.

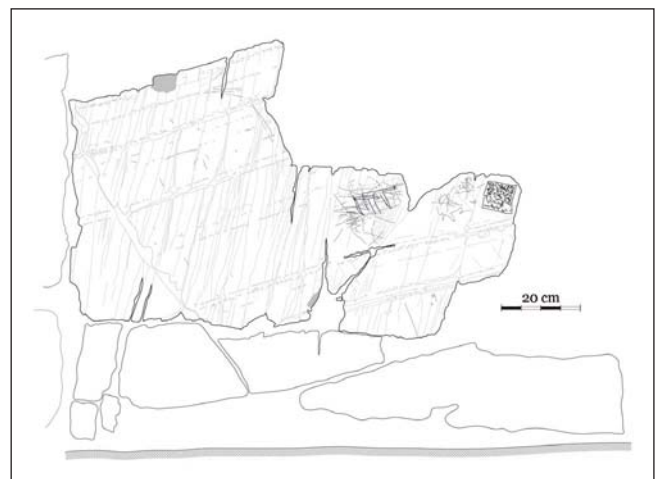


Fig. 9: Decalque do painel C

3.6. Painel D

Painel com uma grande área afetada pela erosão da superfície da diáclase (**Fig. 10**). Na zona superior, a cerca de 99 cm de altura, identifica-se a seguinte

inscrição: HALL[O] BERND, OLI UND | SCHA[...]ANEH!
ES IST WUNDER- | SCHÖN HIER! | NELE, que interpre-
tamos como o registo de um grupo de amigos que
admira a beleza do local.⁶



Fig. 10: Decalque do painel D

Cerca de 55 cm abaixo, surge uma pequena figura zoomórfica desenhada a contorno (VC03-11) com uma pata por par, grandes orelhas em perspetiva

⁶ Agradecemos a Lisa-Elen Meyering o auxílio na interpretação desta inscrição.

biangular oblíqua e cauda curta, voltada para a direita. As orelhas e a cauda sugerem um coelho, espécie ausente do reportório da Idade do Ferro, devendo corresponder antes a uma cervas.

No painel abaixo surge uma figura retrospectiva (VC03-12). O corpo, voltado para a direita, é retilíneo, a única pata dianteira encontra-se aberta na extremidade e as traseiras, dispostas em perspetiva frontal, são desenhadas em forma de ferradura, com definição da coxa. O pescoço é curto, as duas orelhas angulosas, bem como o focinho, aberto na extremidade. A cauda é linear. De entre os restantes traços gravados, identificam-se algumas séries de linhas paralelas.

3.7. Painel E

Este grande painel apresenta uma superfície muito alterada, com largas áreas cobertas por calcite (Fig. 11). Nele figuram inscrições modernas, ainda sem



Fig. 11: Decalque do painel E

patine, signos eventualmente atribuíveis à Idade do Ferro e algumas linhas finas que poderão representar vestígios de figuras paleolíticas.

De entre as representações modernas, no topo regista-se a data de 25/[8]/9[8]. Um pouco abaixo, surge a seguinte inscrição: *Está | um calor | de M [...]*. Sob esta inscrição figura um reticulado. Cerca de 8 cm abaixo surge nova inscrição, muito apagada, organizada em duas linhas, onde se identificam apenas algumas letras. Para baixo, nova inscrição, onde se parece perceber o nome Duarte, sob o qual se lê a inscrição *DATA 11-8-77*. Sob esta inscrição figuram novos vestígios de inscrição. É nesta zona que surgem grupos de traços subparalelos que poderão corresponder a um momento de gravação azilense.

Em todo o painel não se identifica qualquer motivo figurativo, surgindo séries de traços paralelos, um motivo quadrangular segmentado e outros conjuntos de traços que poderão corresponder a signos de difícil interpretação.

3.8. Painel F

Painel com poucos motivos preservados (Fig. 12). De entre as gravações recentes, contam-se as letras *J.N.S.C.*, inseridas dentro de uma moldura retangular, que corresponderão às iniciais de um nome, repetido no painel G. Sob esta inscrição, consta a data de 198(?)2.

Um pouco abaixo, apresenta-se o único motivo figurativo, um zoomorfo, desenhado com linhas angulosas, voltado para direita, percebendo-se a cabeça curta, com duas orelhas pontiagudas, bordo cranial da pata dianteira, corpo reto, pata traseira e eventual cauda linear (VC03-13). À sua esquerda distribuiu-se um conjunto de finas linhas subparalelas, sugerindo a presença de um motivo azilense, entretanto perdido.

Acima da inscrição referida, figura ainda um conjunto de traços que sugere um eventual zoomorfo atípico, com cabeça, orelha, patas dianteiras, mas sem quartos traseiros. Pelo painel distribuem-se várias linhas com diferentes patines, salientando-se uma série de linhas horizontais paralelas. Na zona inferior do painel apenas se identificaram linhas soltas.

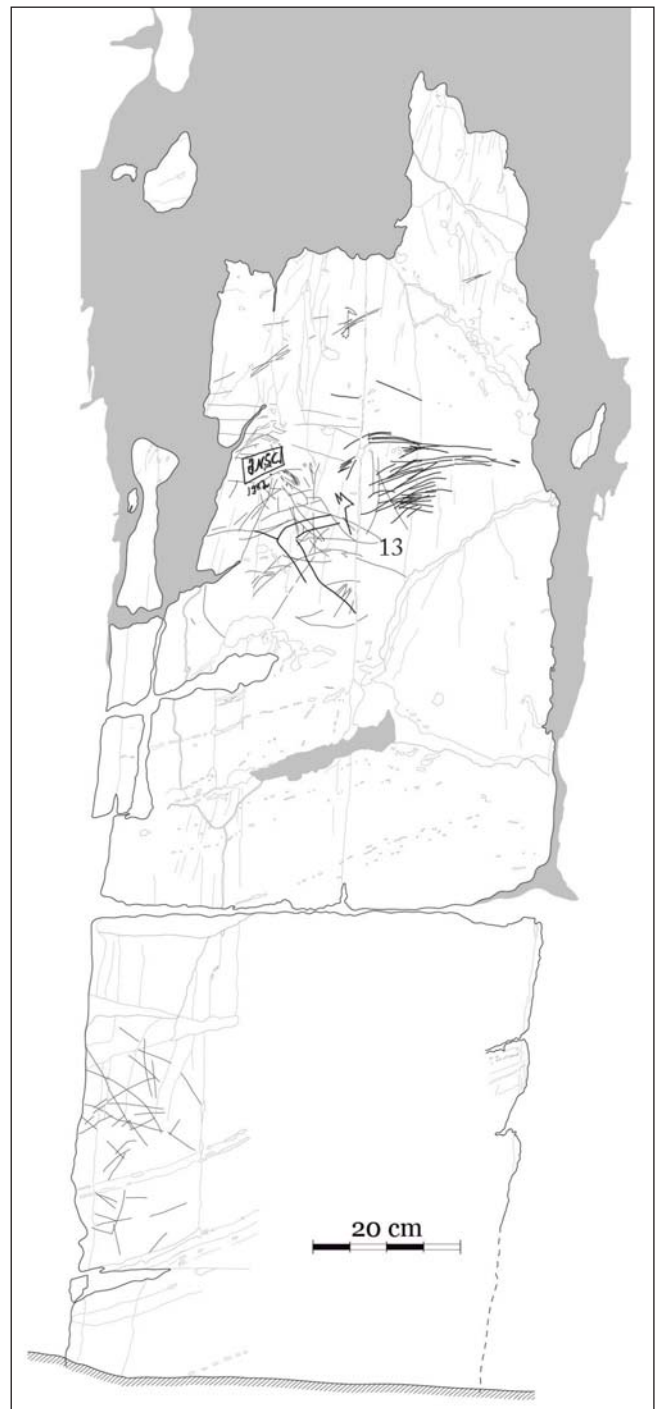


Fig. 12: Decalque do painel F

3.9. Painel G

Painel dividido em duas zonas de gravação, uma superior e outra inferior (Fig. 13). Na zona superior identificam-se motivos desde o Paleolítico Superior até ao século XX, passando pela Idade do Ferro. No topo do painel salienta-se um motivo estriado estilisticamente

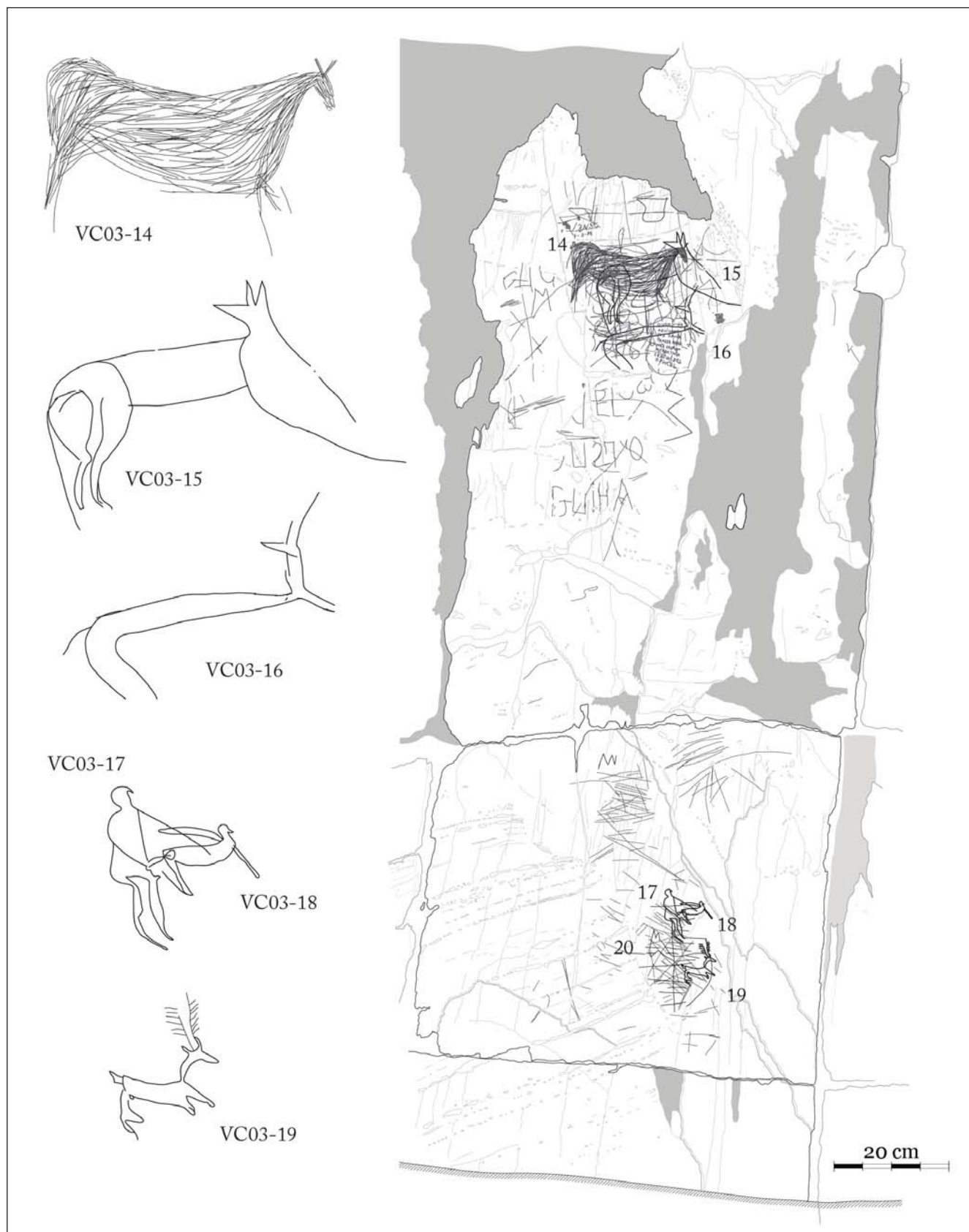


Fig. 13: Decalque do painel G da rocha 3 de Vale de Cabrões

atribuível à fase azilense, voltado para a direita (**VC03-14**) (**Fig. 14**). As grandes orelhas e cabeça pequena sugerem tratar-se de uma cervá. A garupa é volumosa e convexa, passando para um dorso côncavo. O pescoço e a cabeça são relativamente pequenos para o corpo do animal. Apresenta apenas uma pata por par, estando a dianteira apenas esboçada e ligeiramente projetada para diante. O ventre é largo e convexo. A esta fase de gravação poderá corresponder ainda um feixe de linhas curvas subparalelas, situadas abaixo da figura. Trata-se de uma unidade gráfica da chave XIc da adaptação de um de nós da proposta de Sauvet & al. 1977 para a classificação dos signos da arte paleolítica (Santos, 2019, p. 61).



Fig. 14: Motivo paleolítico estriado (VC03-14), sobreposto por equídeo da Idade do Ferro (VC03-15), do qual se percebe a cabeça retrospectiva à direita e as patas traseiras em ferradura, à esquerda. Aí, um pouco acima, identifica-se também uma inscrição moderna

Sobrepondo-se à figura azilense surge uma representação de equídeo retrospectivo, com a cabeça voltada para a esquerda, o focinho pontiagudo e orelhas em M (**VC03-15**). Os quartos dianteiros apresentam-se esboçados e projetados para diante, com definição da espádua através de uma linha semicircular que liga uma das patas ao pescoço do animal. Já os traseiros estão representados por duas patas em ferradura, com definição da coxa. Duas linhas

ligam os quartos dianteiros aos traseiros, definindo dorso e ventre. A cauda é linear. Esta representação apresenta grandes semelhanças com VC03-12.

Logo abaixo surge uma outra figura muito semelhante, se bem que mais esquemática (**VC03-16**), com orelhas lineares, apenas uma pata traseira, sem delimitação de espádua ou coxa e cauda mais curta. Sob esta figura desenhou-se um zigzag e no topo do painel um motivo campanulado invertido, que poderão fazer parte do momento de gravação sidérica.

De época moderna, verificam-se várias inscrições. No topo surgem novamente as iniciais J.N.S.C., sotopostas pela data 7-2-92. A mesma data repete-se cerca de quatro centímetros abaixo. Ainda abaixo, surge um conjunto de inscrições sobrepostas, em três ou quatro linhas, de difícil descodificação por serem muito superficiais, onde parecem reconhecer-se letras cursivas e em caixa alta, bem como numerais. À direita, dentro de uma moldura, figura uma quadra popular humorística, de natureza escatológica, escrita em maiúsculas, distribuída por oito linhas: “QUEM VIER | AQUI CAGAR | FAZ FAVÔR | TRAZER PAPEL | NÃO FAÇA DA | MÉRDA TINTA | E DOS DÊDOS | O PINCEL”. Abaixo, surgem três linhas com letras maiúsculas, algumas delas legíveis, mas sem se compreender o sentido do texto.

Na zona inferior do painel, separada por uma fratura horizontal, identificam-se os motivos já publicados deste painel, entre outros. Salienta-se a cena com dois antropomorfos com cabeça com bico de pássaro, desenhados a contorno, envolvidos num ato de coito posterior, voltados para a direita. O linear braço esquerdo da figura ativa (**VC03-17**) liga-se ao peito da figura passiva (**VC03-18**), enquanto que o direito, contornado, segura um falo que, estrangulado, penetra a zona posterior da segunda figura. Esta figura encontra-se fletida ao nível da cintura, com os longos braços abertos e uma pequena cabeça aviforme. Esta segunda figura não apresenta quaisquer caracteres sexuais.

A presente versão desta representação não se distingue sobremaneira do decalque parcial anteriormente publicado (Baptista, 1999, p. 173). O mesmo não sucede com o zoomorfo que surge um pouco abaixo (VC03-19). Trata-se de uma figura animal desenhada a contorno com orelhas e focinho caninos, duas patas projetadas para diante, cauda curta e possível sexo. O desenho original foi realizado durante o dia, sob a responsabilidade de Fernando Barbosa (Luís, 2023, pp. 228-229). Dele não faziam parte as patas traseiras que agora descortinamos dobradas sob o ventre. Trata-se de uma forma peculiar, mas não inédita, de representar as patas traseiras de quadrúpedes na arte da Idade do Ferro na região. A esse título, veja-se os quatro traseiros do cavalo montado do painel central da rocha 139 da Foz do Côa (Luís, 2023, fig. 24). Mais relevante, foi a identificação de duas hastes arboriformes, que, embora gravadas a traço mais fino do que a restante figura, a identificam como cervídeo (Fig. 15). A diferença de traçado pode indicar tratar-se de um acrescento.



Fig. 15: Motivo VC03-19, onde se percebem as hastes gravadas de forma mais ténue do que o restante corpo

Entre o cervídeo e a cena de coito, surge um motivo zoomórfico voltado para a esquerda (VC03-20). A cabeça é típica das representações sidéricas, com as características orelhas em M. Apresenta um longo pescoço, mas encontra-se desprovida de membros locomotores, estando o corpo esquematizado por duas linhas que não se ligam. Neste subpainel notam-se ainda algumas séries de linhas paralelas.

3.10. Painel H

Alto painel dividido entre esquerdo e direito (Fig. 16). No topo do lado esquerdo, a cerca de 196 cm do solo, surge a seguinte inscrição: *8/7/93 | 3^h30 da tarde | Calor de abraçar | TONINHO e Germano ... | as pedras queimam | Mas ... a cerveja | cerveja | está gelada | Marafão*. Para a direita, nova inscrição em três linhas, onde se percebem algumas letras cursivas, mas não o sentido (R[...]unha | a | C[...]ntar). Cerca de 40 cm abaixo, nova área com gravações, nomeadamente uma inscrição dentro de uma moldura (*Sera [...] o [...] | E[...] | Par[...]a[...]*), cujo sentido não descortinamos, bem como algumas letras de outros textos perdidos.

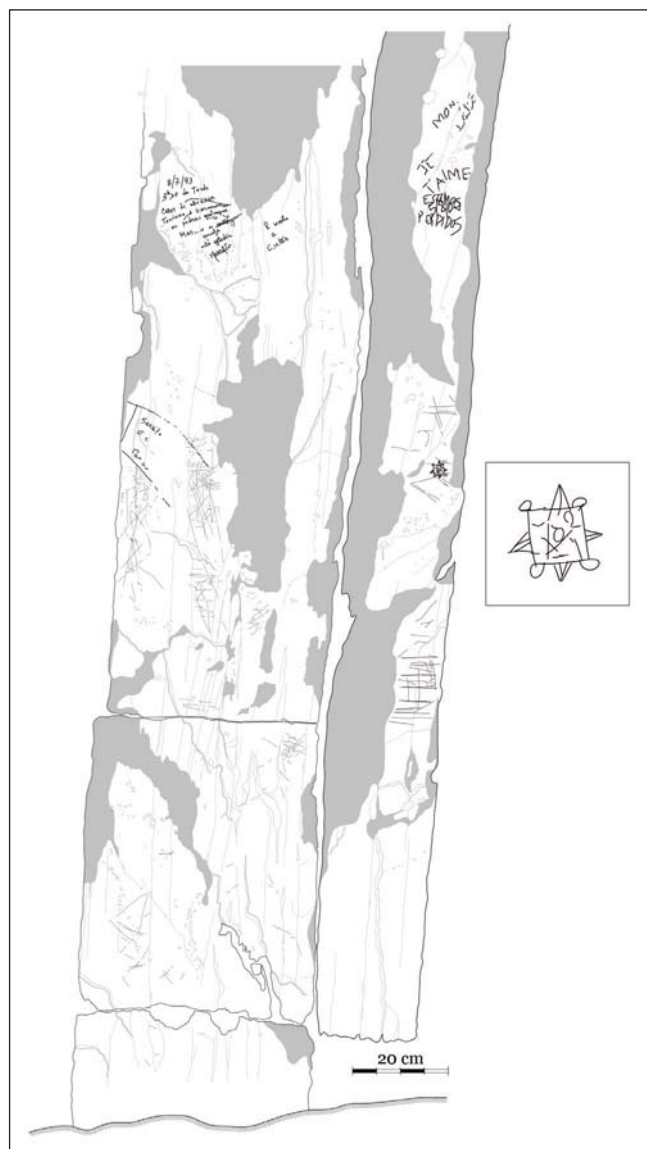


Fig. 16: Decalque do painel H

O subpainel direito, mais estreito, apresenta um conjunto de inscrições modernas, também na zona superior. Registam-se duas em língua francesa (MON | [...]; JE | T'AIME | 5/8/00). Sobrepondo-se à data, a traço mais fino, gravou-se ESTAMOS | PERDIDOS. Cerca de 50 cm para baixo, surge figurado um motivo desenhado por um quadrado com um círculo em cada vértice, com o interior preenchido por traços retos e curvos e um círculo no seu centro. A meio de cada lado do quadrado figuram triângulos segmentados longitudinalmente por uma ou mais linhas, prefigurando uma estrela de quatro pontas sobreposta pelo quadrado enlaçado nos vértices (Fig. 17). Esta representação assemelha-se em grande medida aos sinais de tabelião utilizados entre a Idade Média e a época moderna (e.g. Vasconcelos, 1920; Saraiva, 1998). No painel surgem outros traços gravados, nomeadamente uma série de traços horizontais paralelos, cerca de 40 cm abaixo do sinal de tabelião.



Fig. 17: Signo interpretado como sinal de tabelião, gravado no painel H da rocha 3 de Vale de Cabrões

3.11. Painel I

Trata-se do maior e mais densamente gravado painel da rocha 3, sobretudo com inscrições modernas e zoomorfos da Idade do Ferro, identificando-se ainda um motivo azilense (Fig. 18). A figura paleolítica está gravada numa zona inferior, a cerca de meio metro do solo (VC03-21). Percebe-se um corpo estriado, aparentemente voltado para a esquerda, faltando-lhe os quartos dianteiros, por queda de placa do

suporte. O dorso é côncavo, terminando numa garupa convexa. Apresenta duas patas traseiras curtas e ventre bojudo.

Atribuíveis à Idade do Ferro, identificam-se 23 motivos figurativos. No topo do painel, a cerca de 1,60 m do solo percebe-se um equídeo identificado pela sua longa cauda linear e ondulada (VC03-22). A cabeça é pequena e o pescoço longo e fino. Tanto as patas dianteiras como traseiras foram definidas em forma de ferradura, delimitando-se assim a coxa e a espádua, respetivamente. O dorso e o ventre são retos. Sobre esta figura desenha-se uma linha ondulada, que liga à cabeça do animal, que poderá configurar uma cervicodorsal, mas sem ligação com o motivo descrito. Logo à frente, identifica-se outra representação em forma de ferradura, que poderá corresponder aos membros de outro zoomorfo (VC03-23). Esta representação poderá ligar a um pescoço reto e cabeça angulosa, com duas orelhas lineares.

Abaixo desta sequência, sob um nível de alvéolos, surge novo zoomorfo sidérico desenhado a contorno, voltado para a direita (VC03-24). Uma linha apenas define o peito, bordo cranial do pescoço, cabeça afilada, duas orelhas, bordo caudal do pescoço sinuoso, dorso, garupa côncava e bordo caudal da pata traseira projetada para diante. Uma segunda linha desenha o bordo cranial da pata traseira e o ventre.

Logo abaixo, uma pequena figura zoomórfica em perfil absoluto, com exceção das grandes orelhas, aparentemente sem cauda, com patas projetadas para diante e dianteiras delimitando a espádua (VC03-25). Atrás das suas patas traseiras figura um signo formado por dois círculos concêntricos.

Numa zona central e profundamente gravada, identifica-se um equídeo em perfil absoluto, voltado para a direita, com duas orelhas lineares (VC03-26). O pescoço é longo e estreito e a cabeça igualmente estreita. As patas são abertas nas extremidades e a cauda linear. Uma linha, que liga a cauda ao ventre, delimita a coxa. Já a espádua surge igualmente delimitada por outra linha que segue do bordo caudal da pata, ultrapassando o nível do dorso. A linha do ventre liga a uma das orelhas, definindo um segundo bordo cranial do pescoço.

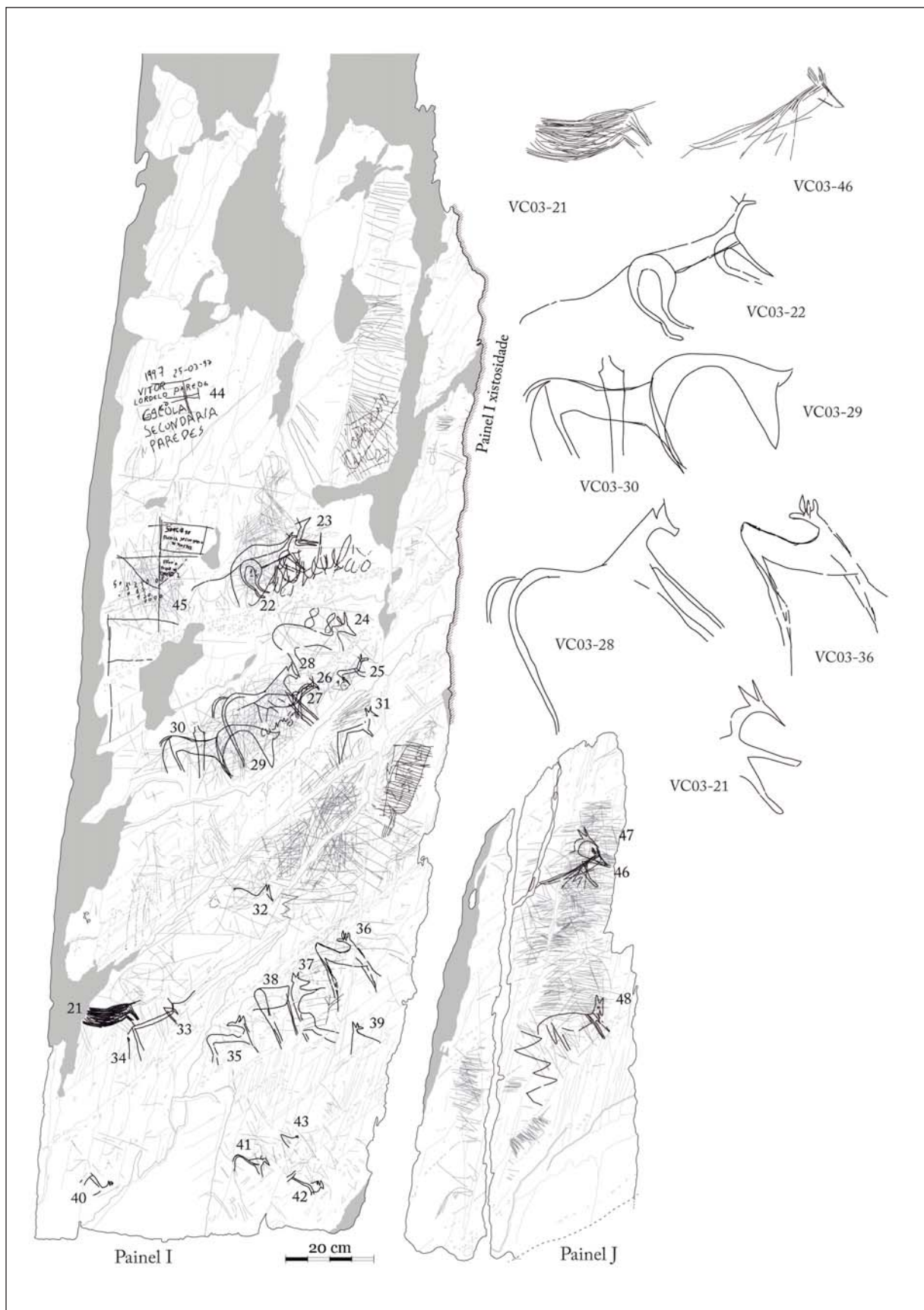


Fig. 18: Decalque do painel I e J

Sobrepondo-se-lhe, nesta zona algo confusa dos quartos dianteiros, surge um conjunto de linhas que interpretamos como os quartos dianteiros de outro zoomorfo, igualmente voltado para a direita (**VC03-27**). A cabeça é peculiar, embora com paralelos no Côa (por ex. painel C da rocha 3 da Azenha ou rocha 44 da Foz do Côa) (Luís, 2023, fig. 2c e 17).

Sobreposta por estas figuras, está nova representação de equídeo de maiores dimensões (**VC03-28**), com duas patas dianteiras, abertas na extremidade, pescoço e cabeça curta, duas orelhas em perspetiva biangular oblíqua, garupa volumosa, dupla linha para a cauda e bordo caudal da pata traseira representado por linha dupla. Não se identifica ventre no meio da grande quantidade de linhas que preenche esta área. Atrás dele, novo cavalo (**VC03-29**) com grande cabeça, uma única orelha, pescoço curvo e comprido, que liga à pata dianteira projetada para diante e aberta na extremidade, separando a espádua do flanco. Dorso côncavo-convexo e cauda comprida representada por três linhas. Pata traseira igualmente projetada para diante, aberta na extremidade e ventre reto. Sobre o seu dorso e flanco identifica-se uma representação definida por duas séries de linhas simétricas, cujo estrangulamento e arredondamento na zona superior insinua os ombros e a cabeça de um antropomorfo. A sua posição sobre o cavalo descrito anteriormente sugere tratar-se de um cavaleiro muito esquemático (**VC03-30**).

Num subpainel inferior, sob um conjunto de linhas paralelas surge novo possível zoomorfo, voltado para a direita, retilíneo, em perfil absoluto, com a exceção das duas orelhas pontiagudas, patas abertas na extremidade, estando a dianteira projetada (**VC03-31**). Não se identifica cauda.

Abaixo, vários conjuntos de séries de linhas paralelas. Para o lado direito situa-se um complexo signo formado por linhas horizontais paralelas, contornadas por moldura sub-retangular. No eixo central, entre cada linha paralela, gravaram-se curtos traços oblíquos. Na base do signo identificam-se várias linhas verticais gravadas no exterior da moldura, junto ao eixo central.

Mais abaixo da área das séries paralelas figura uma representação zoomórfica, restringida à cabeça, ore-

lhas, pescoço e dorso (**VC03-32**). À frente da figura surge um zig-zague. Um pouco atrás do zoomorfo surgem os vestígios de um círculo. Ainda neste subpainel, junto à figura azilense (**VC03-21**), voltada para a direita, surge nova representação zoomórfica retilínea, comprida, em perfil absoluto, com uma cabeça de difícil compreensão (**VC03-33**). Atrás desta figura observa-se uma pequena representação do que se afigura uma lança com lâmina com nervura central (**VC03-34**).

Para a direita, em novo subpainel separado por um desnível, representaram-se cinco figuras zoomórficas. A primeira, a contar da esquerda, tem o corpo voltado para a direita, mas a cabeça retrospectiva (**VC03-35**). O animal surge em perfil absoluto, exceção as duas grandes orelhas. Apresenta longo focinho, patas com extremidades abertas e cauda ausente. Acima, à direita, observa-se nova figura muito semelhante, apresentando, contudo, três (!) orelhas (**VC03-36**). Entre as representações acabadas de descrever, surge novo zoomorfo, mas orientado para cima (**VC03-37**). Apresenta novamente duas orelhas, uma pata por par, abertas nas extremidades, pescoço curto e coxa bem modelada. Ambas as figuras são atravessadas por uma série de linhas horizontais paralelas, surgindo aí também um signo arboriforme. Para a esquerda de **VC03-37**, um conjunto de linhas parece definir um zoomorfo acéfalo (**VC03-38**). À direita desta cena, observa-se nova figura retrospectiva, desta feita com o corpo voltado para a esquerda, restringida ao bordo cranial da pata dianteira, pescoço, duas orelhas, focinho e dorso, até à garupa (**VC03-39**).

Mesmo na base do painel, figuram três representações zoomórficas muito simples: à esquerda, uma pequena figura com cauda curta e patas lineares, pescoço e orelhas, desprovida de focinho (**VC03-40**) e, para a direita, duas outras figuras. A primeira em perfil absoluto, apresenta corpo fino, membros abertos nas extremidades, focinho pontiagudo, sendo desprovida de orelhas, com a exceção de uma pequena linha que o poderá sugerir (**VC03-41**). Para a direita, novo conjunto de traços sugere outro zoomorfo, com corpo em perfil, grandes orelhas e pequeno focinho (**VC03-42**). Um pouco acima, entre ambas as figuras

um conjunto de linhas sugere uma cabeça com duas pequenas orelhas pontiagudas (**VC03-43**).

Relativamente às representações históricas, no topo do painel, a cerca de 2,4 metros de altura, à direita, surge uma longa série de linhas horizontais subparalelas, que preenchem um subpainel com uma orientação distinta da maioria da superfície da rocha. Sobrepondo-se-lhe, figuram duas inscrições, uma delas de difícil interpretação (C[...]O) e outra com o nome CARLOS dentro de uma moldura retilínea.

Para a esquerda, nova inscrição: 1997 | 25-03-97 | VITOR | LORDELO PAREDE | ESCOLA | SECUNDARIA | PAREDES. No seio desta inscrição percebe-se um motivo que aparenta ser uma cruz, com algumas semelhanças com a da Ordem de Cristo (**VC03-44**). Um pouco abaixo de VC03-21, sobrepondo-se parcialmente, surge inscrito um texto moderno a letra cursiva, que interpretamos como o apelido local *Marafão*.

Para a esquerda, novo subpainel com inscrição dentro de moldura retangular: SÉRGIO 97 | ESCOLA SECUNDARIA | DE PAREDES. Logo abaixo, nova inscrição: ESTOU A | FUMAR UM | CHARRO. Abaixo, para a direita surge uma série de números (5, 2, 5, 1, 8 vários 0), cuja organização nos sugere uma operação aritmética. Sob todas estas inscrições e mais profundamente gravada, percebe-se a representação de uma cruz latina linear (**VC03-45**), sobre um pódio ou edifício. Na cúspide aparenta ter uma travessa mais curta, que interpretamos como uma alusão à placa que ostenta a inscrição INRI. Duas linhas diagonais ligam as extremidades dos braços ao pé, numa alusão ao pano roxo que cobre a cruz durante a Páscoa.

Acima do dorso de VC03-24, figura o número 88. Logo atrás da VC03-25, o número 95. Sobre a cabeça de VC03-29 figura, em letra cursiva, a inscrição Cun(?) [...]. Para baixo, no limite esquerdo do painel, identifica-se um pequeno signo composto por dois círculos ligados tangencialmente por um segmento de reta, ao qual, na zona central se adossa um semicírculo.

3.12. Painel I xistosidade

Plano de xistosidade exclusivamente gravado com inscrições modernas, muitas delas já perdidas por perda de placas ou gravação ligeira (**Fig. 19**). Entre as

parcial ou totalmente descodificadas refira-se: M[...] [...]imento; DIA[...]; ARMANDO TRABULO; JOZÉ PINTO; ANTÓNIO | José | MLC | Amaro | ColégAs; ARMANDO TRABULO | 29-7-1960; Fernando Pinto; NICOLAU; ANTONIO; VEIGA 1954; ANTONIO; SILVANO; Bezelga; CELIO | 1959.

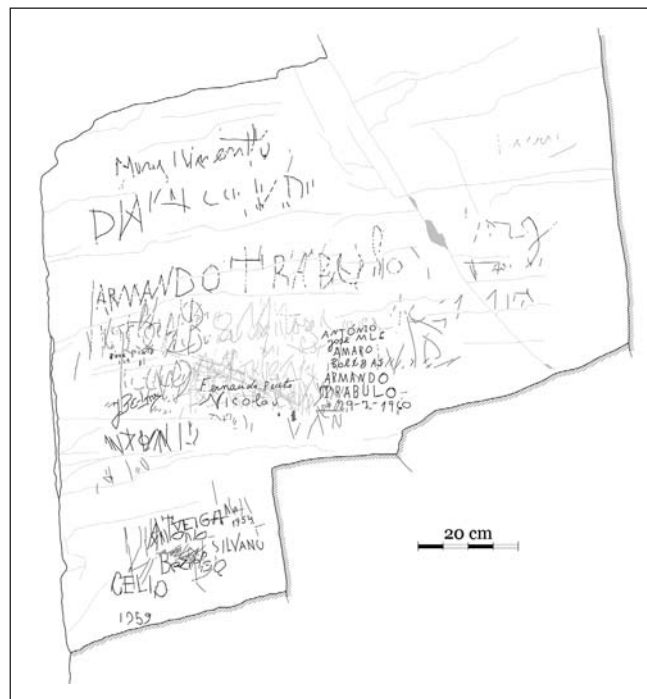


Fig. 19: Decalque do painel I xistosidade

3.13. Painel J

Integrado na rocha 3, este painel distingue-se dos restantes, por ser mais pequeno e estar um pouco avançado (**Fig. 18**). Na base da sequência gráfica identifica-se o prótomo de uma cervã voltada para a direita, com duas grandes orelhas, cabeça modelada, dorso estriado e peito linear (**VC03-46**). No painel distinguem-se mais algumas séries de traços finos subparalelos que deverão também pertencer à fase azilense de gravação.

Mais recentes são dois zoomorfos estilisticamente inseridos na Idade do Ferro, igualmente voltados para a direita. Sobre a cervã identifica-se a zona dianteira de um possível equídeo, desenhado a contorno modelado, com duas patas projetadas para diante, pescoço estreito, curvo, alargado na zona da crineira, longo focinho apontado e orelhas pontiaguda em

perspetiva biangular oblíqua (em M) (**VC03-47**). Apenas percebemos o arranque do dorso e do ventre. Cerca de 25 cm abaixo, novo zoomorfo, mais completo e retilíneo, com focinho curto, grandes orelhas em M, olho marcado, pescoço curto, patas dianteiras projetadas, traseiras apenas perceptíveis, dorso e ventre convexos (**VC03-48**). A longa cauda linear, desenhada na projeção do dorso, identifica-o como equídeo. Atrás, para a esquerda, representou-se um zigzague.

4. A longa duração da gravação na rocha 3 de Vale de Cabrões

Os trabalhos realizados na rocha 3 de Vale de Cabrões puderam documentar 48 motivos figurativos e 84 não figurativos, onde se incluem mais de 40 inscrições. Estas representações na rocha documentam uma longa sequência de gravação que se inicia no final do Paleolítico Superior e termina nos nossos dias. A fase mais antiga registada nesta rocha data de há cerca de 12 000 mil anos com três representações estilisticamente atribuídas ao **Azilense**, a fase paleolítica mais recente documentada na região (Aubry & al. 2017; Santos & al. 2021, p. 119). Esta fase artística caracteriza-se pelo predomínio da representação zoomórfica com corpos tendencialmente geométricos, preenchidos, total ou parcialmente, por estriados e ausência de detalhes anatómicos internos na cabeça, tais como boca, narina ou olhos, bem como sexo ou definição de cascos. A técnica de gravação dominante é a incisão fina, registando-se também a presença frequente de figuras picotadas, bem exemplificada, aliás pela figura da vizinha rocha 1. Para além da gravura, regista-se na região a presença de motivos pintados, com exemplos na arte móvel do Fariseu e no núcleo de arte rupestre da Faia (Aubry & al. 2017, p. 409; Santos & al., 2018, p. 56). Ao nível da natureza das representações, assiste-se ao predomínio do veado, com registo de machos, fêmeas e juvenis, só depois surgindo, em frequência de efetivos, as espécies dominantes das fases anteriores (cavalo, cabra-montês e auroque, que surge em menor número do que os peixes) (Santos & al. 2021, p. 120-122).

Esta fase encontra-se datada estilisticamente, por comparação com a arte “azilense figurativa” ou “Estilo V” que se distribui por toda a Península Ibérica, França e Itália (Santos & al., 2018, p. 58-66). A identificação de 89 exemplares de arte móvel em frente da rocha 1 do Fariseu (Santos & al., 2018) permitiu uma datação arqueológica objetiva desta fase artística na região. A datação de entre 10 800 e 11 800 BP, por termoluminescência e luminescência opticamente estimulada (Mercier & al. 2009) da unidade estratigráfica 4, no interior da qual se encontrava a esmagadora maioria desta arte, permitiu estabelecer uma datação mínima para a sua produção, possibilitando estender esta cronologia a toda a arte parietal integrada nesta fase morfoestilística.

Apesar de ser a fase paleolítica cujo estudo está menos aprofundado, a arte azilense do Vale do Côa é a que se apresenta uma distribuição mais generalizada por todo o curso final do rio, mas concentrando-se sobretudo em torno da sua confluência com o Douro. Apesar do seu tamanho relativamente reduzido, o preenchimento dos corpos confere-lhe alguma visibilidade, e a sua localização em áreas de altitude média mais elevada que as fases anteriores, confere-lhe elevada dominância visual sobre o território (Luís, Aubry & Santos, 2015). Ainda assim, a existência de um fácies “monumental” desta fase deve agora ser considerado, tendo em conta a inclusão neste grupo de figuras picotadas e pintadas que, sendo tradicionalmente atribuídas a momentos holocénicos, são morfologicamente semelhantes às figuras claramente azilenses (Santos & al., 2018, p. 56-57). Entre estas destaca-se, evidentemente, o veado retrospectivo da rocha 1 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999, p. 139), localizado a apenas 150 m para nordeste da rocha cujo dispositivo gráfico se dá agora a conhecer.

Os três motivos registados na rocha 3 (VC03-14, 21 e 46) enquadram-se estilisticamente nesta fase, pela técnica e estilo de representação, mas também pela natureza das representações. Se o motivo 21 é de determinação impossível por perda do suporte, já os restantes corresponderão a fêmeas de veado, denunciadas sobretudo pelas grandes orelhas.

A fase artística mais representada na rocha integrou-se na segunda **Idade do Ferro**, com 43 motivos fi-

gurativos, a que se acrescem os signos geométricos. Esta fase artística foi identificada na região no início da década de 1980, aquando da construção da barragem do Pocinho, com a descoberta do sítio do Vale da Casa (Baptista, 1983). Dez anos depois, novas representações desta fase viriam a ser descobertas nas margens do rio Côa (Rebanda, 1995, p. 14).

Nesta fase continuam a dominar as representações zoomórficas, mas agora os cervídeos são relegados para segundo plano, predominando os cavalos. A terceira espécie é a humana, seguindo-se os canídeos, e outras espécies mais raras, como as aves, o javali ou os peixes (Luís, 2023, tabela 1; Reis, 2023, tabela 8). A representação humana ganha um peso fundamental, sob a forma de figuras de guerreiros e cavaleiros armados com lança e escudo circular, surgindo também representações de punhais, falcatas e espadas (Luís, 2023, p. 258-259). A mulher parece estar ausente das representações, assim como qualquer outro grupo social que não o dos guerreiros. Acompanha estes motivos figurativos uma série de signos geométricos, salientando-se meandros, zigzagues, reticulados e circulares (Luís, 2023, p. 259).

A incisão linear é a técnica quase exclusiva de gravação definindo geralmente o contorno das figuras, cujas patas surgem, ora em perspetiva biangular oblíqua, com extremidades fechadas, ora em perfil absoluto, geralmente abertas. Algumas das representações são mais retilíneas e em perfil absoluto, não sendo ainda possível atribuir a esse facto uma razão cronológica. A orelhas surgem frequentemente também em perspetiva biangular oblíqua, sendo representadas em forma de M. As coxas dos quadrúpedes são frequentemente delineadas em forma de ferradura.

Esta fase artística tem sido atribuída à 2ª Idade do Ferro (séc. V a I a.C.), inicialmente com base no armamento representado (Baptista, 1983), a que entretanto se juntaram argumentos de natureza iconográfica (Luís, 2009). A descoberta de arte móvel durante a escavação arqueológica dos sítios de Creselos (Mogadouro) e Castelinho (Torre de Moncorvo), veio confirmar esta atribuição (Santos & al, 2012; Silva, Figueiredo & Xavier, 2016).

A arte da Idade do Ferro concentra-se em torno da confluência do Côa com o Douro, região onde se integra o Vale de Cabrões, distribuindo-se por todos os vales com suportes disponíveis, desde o fundo das ribeiras até ao cimo das vertentes (Botica, Luís & Soares, 2024).

As representações da rocha 3 integram-se estilística e tematicamente no que conhecemos da arte sidérica do Vale do Côa, totalizando 12 equídeos, seis cervídeos (entre eles, um macho e três fêmeas) e seis quadrúpedes indeterminados. Estilisticamente, refira-se a presença de figuras em perfil absoluto (por ex. VC03-06, 11, 16, 24, 30, 35 e 36) mas também com os quatro membros representados em perspetiva biangular oblíqua (por ex. VC03-03, 19, 22, 47 e 48). De salientar ainda as seis representações retrospectivas (VC03-12, 15, 16, 36 e 39), três delas cavalos, numa animação segmentar das cabeças (Luís, 2012), algo comum nesta arte (ver Luís 2023, figs. 2, 29, 35, 57, 62, 66, 67, 70, 73 e 74), mas cujo significado carece ainda de análise. Seguem-se as cinco representações antropomórficas, duas delas cavaleiros, e duas outras envolvidas numa cena de coito posterior. Os cavaleiros são a cena mais representada na arte da Idade do Ferro. Na rocha 3, salienta-se a cena que envolve um cavaleiro montado, empunhando uma lança, com um punhal com pomo largo à cintura (VC03-01/02/03/04). A segunda cena de cavaleiro (VC03-29/30) é mais duvidosa devido ao esquematismo do cavaleiro. A terceira cena envolve duas representações com cabeça aviforme num ato de coito posterior. Apesar das suas cabeças, a natureza humana das representações justifica-se pelos corpos antropomórficos e pelos paralelos com outras figuras com cabeças semelhantes, representadas, por exemplo nas rochas 1 e 3 da Vermelha. A ausência de quaisquer caracteres sexuais femininos na figura passiva, bem como a inexistência de qualquer representação feminina evidente nesta fase artística, levanta a possibilidade de se tratar de um ato sexual entre duas figuras masculinas (Luís, 2009, p. 227-228).

Finalmente, uma referência ao motivo zoomórfico VC03-06 (painel B horizontal), cuja presença de um signo semelhante a um estribo junto ao ventre do

animal poderá apontar para um momento posterior ao séc. VII d.C., data da introdução deste elemento de controle do cavalo (Quesada Sanz, 2005, p. 98). Colocamos, contudo, a possibilidade de não se tratar de um verdadeiro estribo, mas antes de um signo associado ao ventre do animal, que estilisticamente se aproxima das representações da Idade do Ferro. Ao nível do armamento representado, para além da lança e do punhal acima referidos, refira-se uma provável lança (VC03-34). Apesar destes exemplos, as armas são um motivo sub-representado nesta rocha, quando comparado com o total da arte sidérica, algo que sucede também noutras rochas (Botica, Luís & Soares, 2024).

Pela sua simplicidade, a atribuição cronológica dos signos é mais complexa, pois muitos deles são passíveis de ter sido produzidos em distintos contextos cronoculturais. Ainda assim, consideramos que a maioria dos signos presentes na rocha, como zigzagues, motivos circulares, retangulares, reticulados e eventualmente os pentagramas, deverão integrar-se na produção da Idade do Ferro.

A terceira fase representada na rocha 3 de Vale de Cabrões é a que definimos como **fase histórica**, marcada sobretudo pela presença da escrita. Esta fase encontra-se documentada no Vale do Côa desde as representações do Muro dos Namorados (Castelo Melhor), datadas de entre os séculos XV e XVIII, até às datas dos séculos XVII a XX, gravadas em zonas associadas à moagem, sobretudo na Canada do Inferno e Rego de Vide (García Diez & Luís, 2003). Nestas áreas, a arte histórica é sobretudo picotada em superfícies de diáclase (como as fases anteriores), mas também em superfícies de xistosidade. Também se documenta a incisão, cuja importância aumenta à medida que nos afastamos dos moinhos. O Vale de Cabrões é uma área com relações com a moagem, como o comprova a presença de um picarnel⁷ junto à rocha 1 do sítio, a cerca de 150 metros da

rocha 3. Contudo, não associamos a prática registada na rocha 3 especificamente à atividade moageira. A primeira razão prende-se com a inexistência de qualquer picotagem, a técnica comum das gravuras de moleiros (García Diez & Luís, 2003). Por outro lado, a rocha 3 localiza-se, como atrás ficou dito, numa zona de passagem entre o planalto de Foz Côa e o Vale do Douro. Assim, as superfícies verticais da rocha prestaram-se ao registo da presença de quem por lá passou. Esse facto é aliás comprovado pela presença esmagadora de inscrições atribuídas a esta fase histórica. Essas inscrições registam nomes de pessoas cujos apelidos são característicos da região (por ex. Marafão, Beselga ou Trabulo), sendo mesmo possível identificar alguns indivíduos. Pelas datas presentes, documenta-se esta prática desde 1954 (painel I xistosidade) até 2024 (painel C), com maior incidência na década de 1990, sobretudo no ano de 1997. O mês mais representado é setembro, seguido de agosto. Uma das inscrições regista inclusivamente as 15h30 min como hora de gravação. Apenas duas outras inscrições registam a naturalidade do gravador (Lordelo, Paredes), o que se compreende por se tratar de forasteiros. Duas inscrições surgem escritas em língua estrangeira: alemão no painel D e francês no H. Se no caso da inscrição do painel D, os nomes gravados indicam a presença de indivíduos estrangeiros (Bernd, Oli e Sch...), já a do painel H não regista os nomes dos autores. Dado o contexto sociológico regional, presumimos que se possa tratar de inscrições de naturais emigrantes.

Por tudo isto interpretamos as inscrições como produzidas em contexto de lazer e descontração (referência a “cerveja” e “charro”), num ambiente natural, distante das zonas ocupadas (“estamos perdidos”, “*es ist wunderschön hier*”), sobretudo durante os meses de verão (meses assinalados, “está um calor de m...”, “calor de abraçar”, “as pedras queimam”), onde grupos de amigos (grupos de nomes, “colegas”) ou indivíduos gravaram os seus nomes (próprios e ou apelidos) ou respetivas iniciais (JNSC), frequentemente com a data. Ter-se-á tratado de atos motivados pela oportunidade conferida pela existência de um grande painel imediatamente ao lado do caminho. Veja-se o exemplo da sua utiliza-

⁷ Apesar da expressão comum em Vila Nova de Foz Côa para se referir às estruturas de moagem temporárias utilizadas em momentos de cheia do rio Côa e Douro ser “picardel” (ver por ex. Marques, 2001, p. 8), o termo correto para se referir a moinho pequeno ou azenha temporária é “picarnel” (Viterbo, 1895, p. 44; Fonseca, 1998).

ção para realização de uma operação aritmética. Regista-se a presença de calão e um humor escatológico em textos não assinados, o que, juntamente com o registo do eventual consumo de estupefacientes, contribui para a interpretação de estarmos num espaço liminar, para lá das zonas mais frequentemente ocupadas.

A fase histórica desta rocha apresenta ainda uma componente figurativa, provavelmente anterior às inscrições. Salienta-se a temática religiosa, com a presença de duas cruzes (VC03-44 e 45), uma delas associada diretamente à Páscoa. No fundo do Vale do Côa é possível verificar que os motivos religiosos são dominantes no séc. XIX, sendo suplantados no séc. XX por temática mais mundana, relacionada com o quotidiano (García Diez & Luís, 2003). Finalmente, refira-se o inusitado sinal de tabelião (painel H), um signo inédito na arte do Côa, cujo contexto de produção nos interpela, e que datará de entre o período medieval e a época moderna.

As três grandes fases de gravação documentadas dispõem-se pelo painel de maneira diferenciada (Fig. 20). Os três motivos figurativos paleolíticos localizam-se em três painéis distintos (G, I e J), a alturas que variam entre 0,6 e 1,5 metros. Os motivos da Idade do Ferro espalham-se por todos os painéis, incluindo o horizontal, com particular incidência no painel I, variando entre o nível do solo e 1,7 metros

(média 0,8). Já os motivos de época histórica encontram-se a alturas mais elevadas (1,6/2,1 m, média de 1,7), concentrando-se sobretudo nos painéis mais à esquerda (E a I), incluindo uma superfície de xistosidade (I xistosidade), onde nenhum outro período se encontra representado.

A distinta natureza das superfícies ocupadas pelas diferentes fases de gravação relaciona-se com o seu potencial de preservação. A arte rupestre do Vale do Côa encontra-se esmagadoramente gravada em superfícies de diáclase formadas pela tectónica regional (Aubry, Luís & Dimuccio, 2017). Devido à sua verticalidade, estas superfícies apresentam maior resistência aos processos erosivos, nomeadamente aos provocados pela colonização biológica. Por outro lado, estas superfícies são perpendiculares à xistosidade, definida pela foliação formada pelo alinhamento dos cristais durante o processo de metamorfação. Esta foliação gera descontinuidades que provocam a fratura das superfícies rochosas. Da maior fragilidade destas superfícies resulta que não se tenha identificado qualquer arte rupestre paleolítica ou da Idade do Ferro neste tipo de superfícies. Até ao momento, as xistosidades do Vale do Côa preservam apenas motivos gravados a partir do século XIX. A data mais antiga preservada na xistosidade da rocha 3 do Vale de Cabrões é 1954.

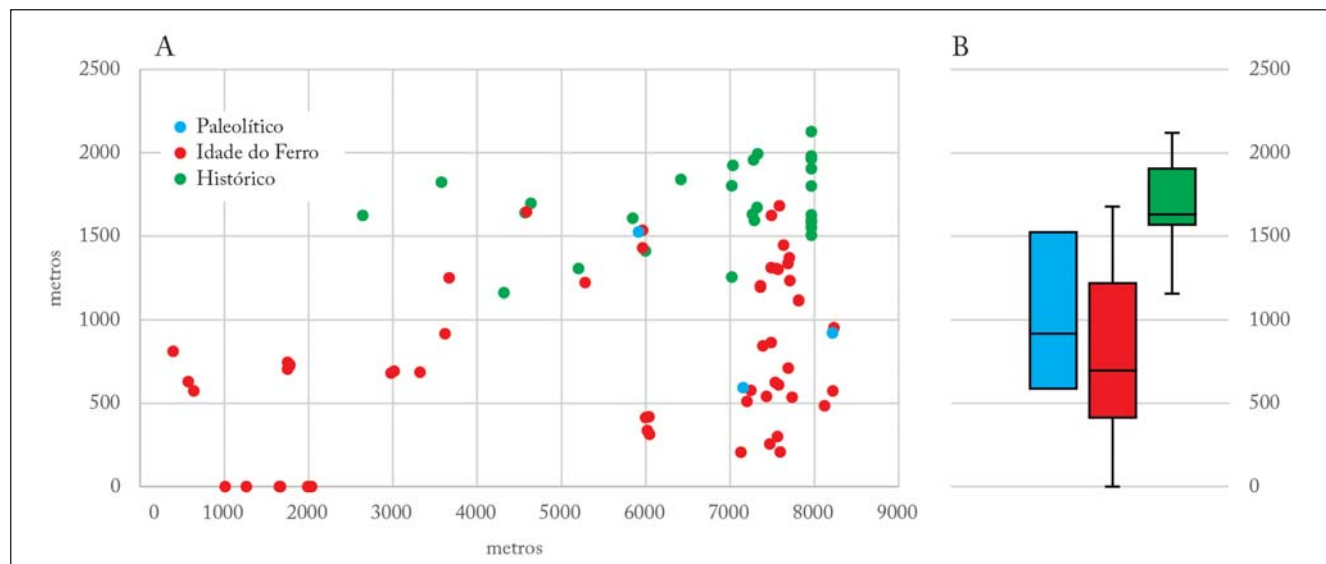


Fig. 20: Distribuição bidimensional dos motivos na superfície da rocha 3 por fase cronológica (A) e caixas de bigodes (boxplot) com as alturas relativas dos motivos das diferentes fases (B)

Assim, diríamos que pelo tipo de superfície em que foram gravadas (xistosidade), estas gravuras modernas terão relativamente poucas possibilidades de se preservarem durante muito tempo, devido ao contínuo lascamento da superfície. Por outro lado, mesmo nas diáclases, as gravuras modernas têm geralmente também menos possibilidade de preservação. Como se pode ver nas imagens de microscópio obtidas no painel G (Fig. 21B e D), muitas das gravuras modernas foram gravadas apenas superficialmente, provavelmente com recurso a uma simples pedra de xisto, que raspou superficialmente a rocha, definindo um traço branco resultante do esmagamento dos cristais da superfície da rocha. Esta simples raspagem gera um traço claro, mas superficial. Com a passagem do tempo, a cor do traço vai escurecendo, homogeneizando-se com o resto do painel (patine), tornando a linha invisível. Por esta razão, grande parte das inscrições modernas são já hoje indecifráveis. Identificaram-se alguns casos de

gravações modernas mais profundas, presumindo-se o uso de utensílio metálico (navalha?) (Fig. 21A). A arte paleolítica foi gravada com uma pedra mais dura do que o xisto (variedades de quartzo ou sílex) (Aubry & Sampaio, 2012). Esta gravação raspou não apenas a superfície mas gravou também um traço fino e profundo. Hoje, apesar de terem perdido a sua coloração clara original e até estarem cobertas por calcite (Fig. 21A-D), algumas destas linhas são ainda perceptíveis com recurso a luzes rasantes, devido à sua profundidade.

A arte da Idade do Ferro encontra-se a meio caminho entre a paleolítica e a histórica. Os seus traços são mais largos, mas geralmente menos profundos (Fig. 21C e D), tendo sido provavelmente gravados com utensílio metálico (Aubry & Sampaio, 2012). A diferente profundidade do traço e o seu grau de patine têm implicações na sua visibilidade. Um traço gravado profundamente será sempre perceptível. Já aquele gravado de forma ligeira só será visível sobre-

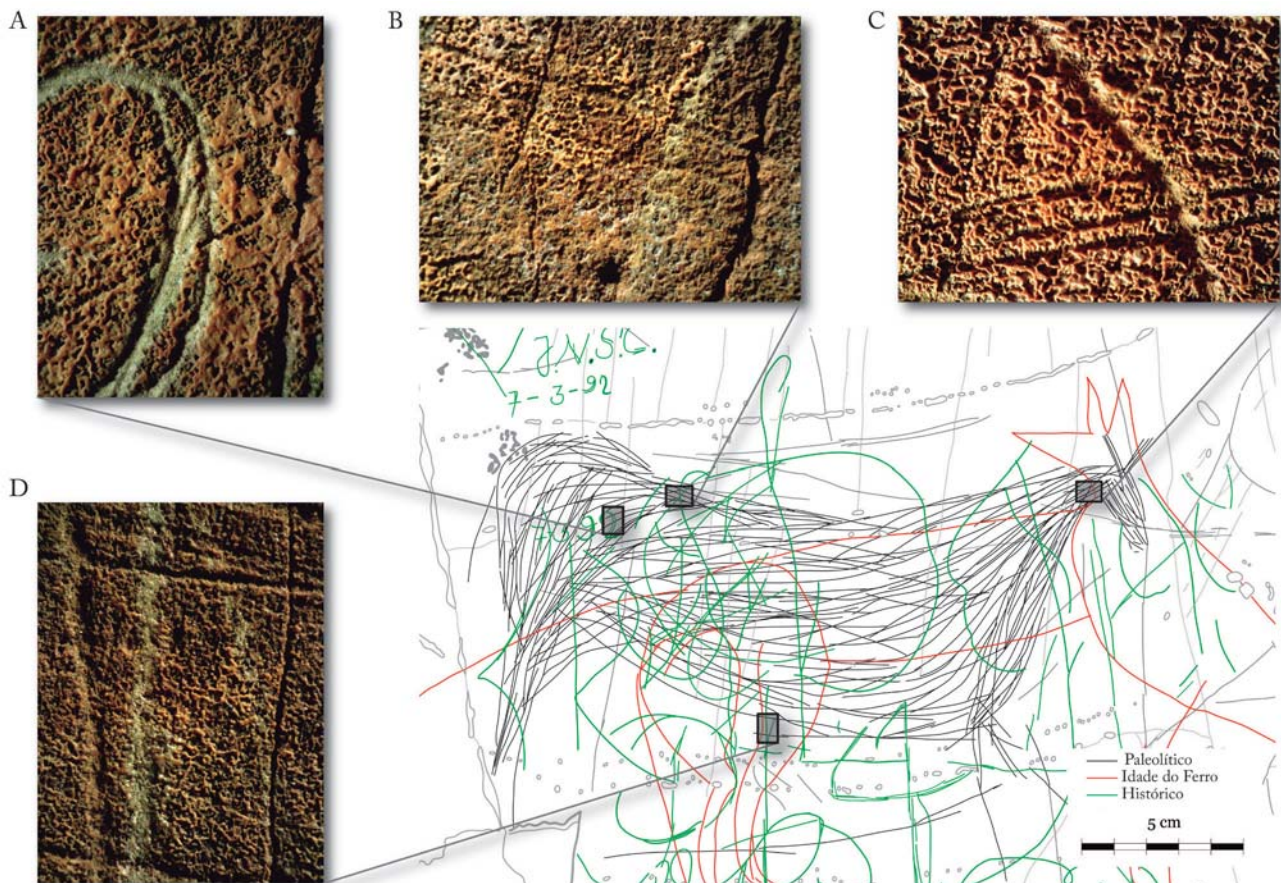


Fig. 21: Imagens de microscópio digital de traços gravados em diferentes fases e com distintos instrumentos no painel G

tudo durante o dia, mas apenas enquanto a patine não se formar e a linha desaparecer. Este processo justifica a existência de frequentes motivos incompletos durante esta fase (Luís, 2023, p. 253-254). Por outro lado, durante os trabalhos sobre a rocha 3 foi possível perceber que certas gravuras da Idade do Ferro, visíveis durante o dia, quando iniciávamos os trabalhos, “desapareciam” durante a noite. Este facto comprova que as linhas ténues sem patine são visíveis à luz do dia, pelo seu contraste cromático, mas durante a noite, devido à nossa incapacidade de distinguir as cores, esse contraste desaparece e as linhas não têm a profundidade suficiente para projetarem as sombras das luzes rasantes, sendo invisíveis. Para além das superfícies de diáclase e xistosidade, a rocha 3 apresenta gravuras numa superfície horizontal (painel B horizontal). Trata-se de um tipo de superfície que apresenta outros exemplos gravados durante a Idade do Ferro no Vale da Casa (Baptista, 1983) e Vale do Forno (Luís, 2023, p. 245). A sua horizontalidade apresenta maior potencial erosivo, mas ainda assim possibilitando a preservação de motivos com cerca de 2500 anos de idade, mesmo em circunstâncias em que é frequentemente pisada, como neste caso. Existem na região representações mais antigas em painéis horizontais no Vale da Casa, como na rocha 11, atribuídas ao Calcolítico ou à Idade do Bronze (Baptista, 1983). Trata-se, contudo, de representações picotadas. Fora do Côa, como no Vale do Tejo (e.g. Gomes, 2010) ou no Guadiana (Collado, 2006; Baptista e Santos, 2013), as representações neste tipo de superfícies podem alcançar os momentos finais do Pleistocénico (e.g. rocha F155 no Tejo ou a estação CCIV de Molino Manzániz, no Guadiana). As diferenças temáticas das diferentes fases artísticas nesta mesma rocha denunciam contextos sociais distintos. A fase azilense foi produzida por uma sociedade igualitária de caçadores-recolectores, num momento de aquecimento climático e alteração ambiental. Daí se explica a insistência na representação do veado, predomínio que estará relacionado com uma transformação gradual, mas radical, que terá transformado uma sociedade que partilhava uma ontologia dominada por um modo de identificação totémico (ver Descola, 2005), característica

das fases paleolíticas anteriores, numa dominada por um modo de identificação animista (Santos, 2023, p. 109-110). Já a arte da Idade do Ferro é o produto de uma sociedade fortemente hierarquizada, geralmente caracterizadas pelo modo de identificação analógico. A sociedade sidérica é dominada por uma elite guerreira, que se representa a si própria e a um conjunto restrito de animais, salientando-se o cavalo, com significado simbólico que remete para a heroificação desta elite (Luís, 2023, p. 262). Na fase histórica assistimos à transformação de uma sociedade profundamente religiosa para outra mais secular. As gravações tornam-se registos de presença em contextos de ócio, sendo frequentemente desconhecidas e desvalorizadas pela população geral. Sem disso terem consciência, os últimos gravadores da rocha 3 do Vale de Cabrões deram continuidade a uma longa tradição num contexto social distinto (García Diez & Luís, 2003; Luís & García Diez, 2008). Esta diferença de contexto de produção das gravações na rocha 3 ao longo de doze milénios da história faz com que avaliemos de forma distinta as distintas gravações documentadas. Reconheçamos-lhe o carácter de arte ou de simples gravações, os distintos motivos aí gravados saíram da mesma vontade humana de deixar registo e memória. Em comum contaram também com a existência de um suporte com as características necessárias para os receber e preservar até nós. Hoje, devemos conhecê-los e preservá-los.

5. Bibliografia

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís (2017) - Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no Vale do Côa. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, eds. - *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge Davide (2012) - Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do Vale do Côa. In SANCHES, Maria de Jesus, ed. - *Atas Da 1ª Mesa-Redonda: Artes Rupes-*

tres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 185-206.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca Antonio (2017) - Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa. *O Arqueólogo Português*. 4/5 (Série V): 2014-2015, pp. 133-174.

BAPTISTA, António Martinho (1983) - O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, António Martinho (1999) - *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1997) - Arte rupestre. In ZILHÃO, João, ed. - *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

BAPTISTA, António Martinho; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; FERNÁNDEZ, José Javier; SANTOS, André Tomás; ALCOLEA, José Javier; BURÓN, Milagros; ESCUDERO, Cristina; MACARRO, Carlos; GONZÁLEZ, J.; BENITO, Juan Pedro; SANZ, A.; TABERNERO, Carlos (2013) - La documentación de grabados paleolíticos al aire libre como apoyo a una gestión compleja: una propuesta de Côa (Portugal) y Siega Verde (Salamanca, España). *Cuadernos de Arte Rupestre*. 6, pp. 103-112.

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás (2013) - *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*. [S.l.]: EDIA; DRCALEN [Memórias d’Odiana, nova série; 1].

BOTICA, Natália; LUÍS, Luís; SOARES, Helena (2024) - *A Arte Rupestre da Idade do Ferro do Vale do Côa (Portugal): micro espaços dentro do Vale do José*

Esteves. *Ophiussa*. 8, pp. 81-102. <https://doi.org/10.51679/ophiussa.2023.136>

BOTICA, Natália; LUÍS, Luís; BERNARDES, Paulo (2023) - Use of photogrammetry to survey Iron Age rock art motifs in the Côa Valley: the Vermelhas Rock 3 case study (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). *Virtual Archaeology Review*. DOI: <https://doi.org/10.4995/var.2024.19725>

CAILLEUX, André (1981) - *Notice sur le code des couleurs des sols*. [S.l.]: Boubée.

COLLADO GIRALDO, Hipólito (2006) - *Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: el conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel-Cheles)*, Beja: EDIA [Memórias d’Odiana – Estudos arqueológicos do Alqueva; 4].

DESCOLA, Philippe (2005) - *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.

FONSECA, João de Sousa (Ed.) (1998) - s.v. Picarnel. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 21. [S.l.]: Página Editora, p. 578.

GARCÍA DIEZ, Marcos; LUÍS, Luís (2003) - José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia. *Estudos Pré-Históricos*. 10-11, pp. 199-223.

GOMES, Mário Varela (2010) - *Arte rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas [Tese de Doutoramento, policopiada].

LUÍS, Luís (2009) - “Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier, ed. - *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres*. Cáceres: Junta de Extremadura; Museo de Cáceres (Memorias; 9), pp. 213-240.

- LUÍS, Luís (2012) - Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do vale do Côa. In SANCHES, Maria de Jesus, ed. – *Atas da 1ª Mesa-Redonda: Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 69-80.
- LUÍS, Luís (2023) - Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds. - *Por este rio acima. Estudos em homenagem de António Fernando Barbosa*. [S.l.]: Côa Parque - Fundação para a salvaguarda e valorização do Vale do Côa, pp. 181-265.
- LUÍS, Luís; AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás (2015) - Directing the eye: The Côa Valley Pleistocene rock art in its social context. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. - *XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015: Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context [DVD-Rom]*. Tomar: Instituto Terra e Memória (Arkeos; 37), pp. 1341-1348.
- LUÍS, Luís; GARCÍA DIEZ, Marcos (2008) - Same Tradition, Different Views: The Côa Valley Rock Art and Social Identity. In DOMINGO SANZ, Inés, FIORE, Dánae & MAY, Sally K, eds. - *Archaeologies of Art: Time, Place and Identity*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press Inc. (One World Archaeology Series; 55), pp. 151-170.
- LUÍS, Luís; MOSQUERA CASTRO, Tania; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2024) - O desbaste do cavalo na Península Ibérica pré-romana. *Conimbriga*. 63, pp. 47-78. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_63_2.
- MARQUES, Joaquim Alberto dos Santos (2001) - O Pão nosso... *Côavisão*. 3, p. 7-14.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2009) - Application des méthodes de la luminescence à la datation d'occupations paléolithiques de la Vallée du Côa. In AUBRY, Thierry, ed. - *200 séculos da história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: Igespar, I.P. (Trabalhos de Arqueologia; 52), pp. 343-347.
- QUESADA SANZ, Fernando (2005) - El gobierno del caballo montado en la antigüedad clásica con especial referencia al caso de Iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. *Gladius*. 35:1, pp. 97-149.
- REBANDA, Néelson (1995) - *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: IPPAR.
- REIS, Mário (2023) - Mais perto da conclusão: ponto da situação da prospeção e inventário da arte rupestre do Côa. In Arnaud José Morais; Neves, César; Martins, Andrea, eds. - *Arqueologia em Portugal. 2023: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1771-1786.
- SANTOS, André Tomás (2017) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto* Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/109327>
- SANTOS, André Tomás (2019) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto* [Em linha]. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses [citado a 19 de março de 2025]. Disponível em: <<https://www.museuarqueologico.docarmo.pt/monografia9.html>>.
- SANTOS, André Tomás (2023) - A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds. - *Por este rio acima. Estudos em homenagem de António Fernando Barbosa*, Vila Nova de Foz Côa: Côa Parque - Fundação para a salvaguarda e valorização do Vale do Côa. [S.l.]: Côa Parque - Fundação para a salvaguarda e valorização do Vale do Côa. pp. 55-115. <http://hdl.handle.net/10400.26/44869>.

SANTOS, André Tomás; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) - O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa). *Portugália*. 39, pp. 5-96.

SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2021) - Dating the Côa Valley rock art 25 years later: An archaeological and geoarchaeological approach. In AUBRY, Thierry, SANTOS, André Tomás & MARTINS, Andrea, eds. - *Côa Symposium: Novos Olhares Sobre a Arte Paleolítica*. [S.l.]: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Fundação Côa Parque, pp. 94-126.

SANTOS, Filipe; SASTRE, José; FIGUEIREDO, Sofia Soares de; ROCHA, Fábio; PINHEIRO, Eulália; DIAS, Rodrigo (2012) - El sitio fortificado del Castelhinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro. *Complutum*. 23:1, pp. 165-179.

SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa (1998) - Tabeliões e Notários de Lamego na Primeira Metade do Século XIV. *Hvmanitas*. 50, pp. 587-624.

SAUVET, Georges; SAUVET, Suzanne; WLODARCZYK, André (1977) - Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme). *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et travaux*. 74: 2, pp. 545-558.

SILVA, Andreia; XAVIER, Pedro; FIGUEIREDO, Sofia Soares de (2016) - As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao período contemporâneo. In CORDEIRO MACENLLE, Rebeca; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Alia, eds. - *Estudo de Arqueologia, Prehistória e História Antiga: chegadas dos novos investigadores*. Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 63-81.

VASCONCELOS, José Leite de (1920) - Sinais medievais de tabelião. *O Archeologo Português*. 24, pp. 13-23.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1895) - *Dicionário portátil das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usarão, e que hoje regularmente se ignorão*. Coimbra; Porto: Real Imprensa da Universidade.